

# O Canibal - Günter Grass e as Mulheres<sup>1</sup>

Autor: Ariane Barth  
Tradução de Espártaco Dutra<sup>2</sup>  
Revisão de Elke Diercks<sup>3</sup>

Não, um machão ele não é. Para tanto ele é muito antiquado. Ele provém mais do passado cinzento dos patriarcas. Mulheres mais jovens podem admirá-lo como um fóssil, como um anacronismo vivo: Günter Grass mostra o mundo, como ele gira em torno de si mesmo e assim o mundo gira, quando tem que ser, também no outro sentido. Depende da perspectiva mítica. As mulheres com o seu cérebro de minhoca compreendem o que se passa quando a fantasia onipotente do poeta voa. Ele evita as bestas intelectuais que poderiam forçar um Grass divino para o solo profano das condições políticas através de palavras de protesto. Com razão: este grande poeta não consegue de outro modo, ele tem que ser adorado.

A admiração feminina é sem dúvida o catalisador na alquimia da criatividade grassiana. Sem Anna nenhum “O Tambor”, sem Veronika nenhum “O Linguado”, sem Ute nenhum epílogo e nenhum prêmio Nobel? Sem faísca nenhum fogo.

Quando o sol da história recai sobre homens especiais as suas musas não são geralmente notadas e somente a cada cem anos uma é finalmente digna de um bestseller. Por enquanto um lugar à sombra estará destinado as mulheres grassianas que atuavam antes da musa atual, apesar de que assim o brilho do prêmio nobel esteja na obra inteira do autor.

Ainda assim se abona à Günter Grass o fato de que ele não se ilude. Ele sabe muito bem como sugar de uma mulher tudo o que ela pode lhe dar. Ela precisa de três peitos para a criança escondida no homem. “O Linguado” é único como psicograma de um homem que uiva para uma mulher até que ele consegue gerar uma criança na sua barriga. Ele procria na prática e na literatura, ele precisa da gravidez autêntica da sua companheira para ficar mentalmente grávido. E como ele faz! Ele reparte a sua amada Veronika, como “Ilsebill”, nos diferentes aspectos da

---

<sup>1</sup> Cf. Revista “Der Spiegel” Nr. 40, 1999, p.298.

<sup>2</sup> Acadêmico do Bacharelado em Alemão do Instituto de Letras – UFRGS.

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Setor de Alemão do Instituto de Letras - UFRGS

sua personalidade. Ele a devora como um canibal para dar à luz as “cozinheiras em mim (nove ou onze)”. Oh, lá, lá, que obsessão!

“O Linguado” deve ter trazido uma grande fortuna ao seu autor. Veronika, entretanto, não teve facilidades para educar a filha real. Só quando nenhuma criança, nenhum homem, nenhum ganha-pão a preocupavam mais, ela pôde desenvolver a sua própria criatividade como pintora.

Certamente é de admirar-se Günter Grass como pai de família quando ele reúne os seis filhos de seus diferentes relacionamentos, mais os filhos de suas mulheres não gerados por ele e todos os filhos dos filhos: uma proeza social, como se fosse de uma outra cultura, como a da poligamia. Porém a corte de Grass seria impensável sem a generosidade de uma mulher tradicional. “Utinha” como ele a chamava, parece vir de outros tempos, de uma era onde um disparate como a realização individual da mulher não tinha sido ainda descoberto.

#### Günter Grass : comentários<sup>4</sup>

*Tradução de Elke Diercks  
Revisão de Gina Brusamarello<sup>5</sup>*

#### referente à “Os três peitos”:

“...Os homens são amamentados junto as crianças e ficam contentes. Segundo a lenda, isso era possível, porque a mulher tinha três peitos, para que o inquieto homem, que busca sempre o utópico, uma outra coisa, pudesse sentir-se satisfeito, desde que começava a mamar”.

#### referente à emancipação feminina:

“...Eu sei que as mulheres emancipadas de hoje não gostam de ouvir, mas nós deveríamos lembrar quanto poder a mulher tinha na Idade Média, com o seu molho de chaves: somente ela era responsável pelos mantimentos da casa, os tinha sob seu controle e, com isso um imenso potencial de poder, do qual as mulheres de hoje, da maneira como atualmente é administrada a economia e até a alimentação da casa, não mais dispõem. Escrever sobre isso foi divertido. Queria dar uma olhada nessas coisas e tentar uma comparação com a atual exigência de poder que as mulheres somente conseguem, adaptando-se aos métodos masculinos, quer dizer,

<sup>4</sup> GRASS, Günter & ZIMMERMANN, Harro. Vom Abenteuer der Aufklärung, Göttingen, Steidl Verlag, 1999, pp. 157, 162-165.

<sup>5</sup> Acadêmica do Bacharelado em Alemão do Instituto de Letras – UFRGS. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 12, p. 49-51, out-dez, 2000.

tornando-se mulheres de carreira, subindo a escada do sucesso masculino e assumindo a rigurosidade do homem até superá-la, porque a mulher é obrigada a ser mais dura e mais competente do que o homem. Isso leva a uma desfiguração do que se entende por emancipação feminina”.

“...O processo da emancipação da mulher foi conduzido – como na virada do séc. XX – pelas mulheres da classe média e alta. Por isso cito August Bebel<sup>6</sup> e sua obra principal “A mulher e o socialismo”, na qual ele escreve sobre as mulheres trabalhadoras até hoje negligenciadas, sobre as “mulheres de baixa renda...Os desejos e idéias, o acréscimo de poder que queriam conquistar, tomaram outra direção”.

“...Até hoje o processo de emancipação sofre da falta de apoio entre as mulheres trabalhadoras. E por que deveriam apoiar? Qual é o interesse de uma mulher do grupo de baixa renda, em saber se a Senhora XY, com dois sobrenomes, do mesmo andar do chefe, consegue subir mais um degrau graças ao princípio da emancipação? Isso não a interessa. Ela deve até sentir medo, porque, quando essa mulher encontrar-se no poder, será possivelmente mais dura que o inseguro chefe masculino que ela tinha antes. Por isso a reação ao livro “O Linguado” por parte das feministas foi aquilo que se esperava. Foi uma briga divertida, mas em parte uma discussão séria e amarga pelo lado das mulheres, sem que elas percebessem o humor úmido e pegajoso do livro”.

<sup>6</sup> August Bebel (1840-1913), político alemão, um dos fundadores do partido comunista alemão. (N. da T.).